

“TIRANDO LEITE DE PEDRA”: A DINÂMICA ECONÔMICA DO SERIDÓ POTIGUAR

Danilo Cortez Gomes¹

RESUMO

Os fatos históricos ocorridos numa determinada região remetem a uma variedade de situações que influenciaram e continuam influenciando as ações e omissões em uma localidade. Esse estudo tem como foco o desenvolvimento econômico do Seridó Potiguar, sendo necessária a compreensão de alguns aspectos históricos dessa região, como os ciclos econômicos da pecuária, cotonicultura e mineração. Assim, o objetivo desse artigo é apresentar sucintamente a dinâmica econômica da região do Seridó Potiguar no período que vai desde a ocupação e povoamento desse território até os dias atuais. Preliminarmente foi realizada uma revisão bibliográfica relacionada à dinâmica da formação e estruturação deste território e em seguida, foram feitas coletas de dados secundários no sítio eletrônico do IBGE. Os resultados demonstram que o Seridó Potiguar, antigo centro dinâmico do estado, carece por falta de planejamento em longo prazo unido à inexistência de ações efetivas que possam reverter a situação de uma região estagnada, mas com potenciais.

Palavras-chave: Seridó; Desenvolvimento regional; Economia; Interior.

"TAKING OUT MILK FROM STONE": THE ECONOMIC DYNAMICS OF SERIDÓ POTIGUAR

ABSTRACT

The historical facts that occur in a region refer to a variety of situations that have influenced and continue to influence the actions and omissions in a locality. This study focuses on the regional development of Seridó Potiguar, and it is necessary to understand some historical aspects of this region, such as the economic cycles of livestock, cotton culture and mining. Thus, the purpose of this article is to briefly present the economic dynamics of the Seridó Potiguar in the period from the occupation and settlement of this territory to the present day. Preliminarily, a bibliographic review was carried out related to the dynamics of the formation and structuring of this territory, and then were collected secondary data on the IBGE website. The results show that Seridó Potiguar, the old dynamic center of the state, lacks for deficiency of long-term planning connected with the default of effective actions that can reverse the situation of a stagnant region, but with potential.

Keywords: Seridó; Regional development; Economy; Interior.

1 INTRODUÇÃO

Desbravar a história de um povo ou região não é tarefa fácil, todavia, se faz necessário compreender as nuances do ontem para melhor enxergar o hoje e por que não dizer, para tornar menos difuso as possibilidades do amanhã. Nessa perspectiva, os fatos ocorridos numa determinada região em tempos de outrora

¹ Mestre e Graduado em Administração; Especialista em Gestão Pública; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: danilo.cortez@ifrn.edu.br



remetem a uma variedade considerável de situações que direta e indiretamente influenciaram e continuam influenciando as ações e omissões de uma localidade.

Em se tratando de regiões interioranas, esse resgate se torna ainda mais importante, pois a relativa distância geográfica das capitais ou regiões metropolitanas permite o desenvolvimento de especificidades próprias, que nesses lugares são valorizadas ou até supervalorizadas, como a cultura local com suas comidas, causos, histórias e tradição; os sobrenomes das famílias; os encantos e desencantos do passado e do presente; a identificação de uma gente que se vê refletida na sua própria terra de origem, como se esta fosse mãe e abrigo seguro para seus valores mais íntimos. Em contrapartida, a falta de oportunidades, especialmente quando relacionada a empregos, a maioria das cidades interioranas sofrem mais quando comparado as grandes cidades, pois “durante muito tempo, no Brasil, as grandes cidades e as capitais estaduais, foram o centro mais visível e a prova mais brilhante do desenvolvimento econômico brasileiro” (CLEMENTINO, 2003, p. 387). Dessa maneira, a concentração de riquezas nos centros urbanos auxilia no enfraquecimento das regiões menos desenvolvidas do país, especialmente o interior do Brasil.

Nesse contexto, o sertanejo seridoense se relaciona com o sertão do Seridó em meio a tempos de fartura bem como em tempos de amargura e sofrimento. “Os Brutos” na linguagem de José Bezerra Gomes aprenderam a conviver com as mudanças exigidas desse lugar, muitas vezes tendo que aprender a sobreviver às intempéries da natureza típica do sertão, fazendo jus ao adjetivo “forte” do célebre Euclides da Cunha no famoso “Os Sertões”. Essa dinâmica de idas e vindas em busca de desenvolvimento da região torna sua história interessante e os aspectos sociais e econômicos a ele subjacentes.

Por isso, esse estudo parte da seguinte problemática: Como se deu a dinâmica econômica da região seridoense no Rio Grande do Norte e quais os possíveis rumos dessa região frente aos desafios e oportunidades que se apresentam na conjuntura atual? Assim, esse artigo tem como foco a economia do Seridó Potiguar, sendo necessário esmiuçar alguns aspectos históricos dessa região. Por isso, o objetivo desse artigo é apresentar sucintamente a dinâmica econômica da região do Seridó Potiguar no período que vai desde a ocupação e

povoamento desse território até os dias atuais, tendo em vista os desafios e oportunidades que envolvem esses municípios do sertão norterio-grandense.

Para fins metodológicos, foi realizada preliminarmente uma revisão bibliográfica relacionada à dinâmica da formação e estruturação do território potiguar, dentre eles, o interior do sertão com sua economia pecuarista e algodoeira. Influenciaram significativamente a elaboração desse estudo, especialmente as pesquisas realizadas por Clementino (1986; 1990). Após essa revisão, foram feitas algumas coletas de dados secundários no sítio eletrônico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o objetivo de melhor compreensão da realidade socioeconômica da região estudada, ou seja, os municípios do Seridó Potiguar.

Destaca-se, ainda, a utilização de um recorte geográfico, tendo em vista que a região seridoense contempla alguns municípios do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Nesse sentido, a opção se deu apenas para os municípios do Seridó Potiguar, utilizando os territórios do estado do RN cuja divisão foi concebida pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA).

Essa escolha se deu também pela observação de que as políticas públicas atualmente existentes no estado utilizarem tal delimitação. A região do Seridó, na década de 1970, em divisão concebida pelo IBGE tinha 23 municípios (Microrregião Homogênea do Seridó). Atualmente, ainda segundo o IBGE, na Mesorregião Central Potiguar têm-se as Microrregiões da Serra de Santana com 7 municípios (Bodó, Cerro Corá, Florânia, Lagoa Nova, São Vicente, Santana do Matos e Tenente Laurentino Cruz), do Seridó Ocidental com 8 municípios (Caicó, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jucurutu, São Fernando, São João do Sabugi, Serra Negra do Norte e Timbaúba dos Batistas) e do Seridó Oriental com 10 municípios (Acari, Carnaúba dos Dantas, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Jardim do Seridó, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Seridó e São José do Seridó). Esses 25 municípios das três microrregiões definidas pelo IBGE compõem os municípios do Seridó Potiguar enquanto território rural segundo o MDA, sendo, portanto, a região analisada nesse estudo.

Inicialmente, no estudo são apresentados alguns dados sobre o Seridó Potiguar, além de uma breve síntese sobre a região. Posteriormente, a história de colonização e povoamento será disposta para uma melhor compreensão dos

antecedentes históricos que influenciaram sobremaneira os anos vindouros. Em seguida, uma discussão sobre a dinâmica econômica no Seridó Potiguar, ponto-chave desse artigo, momento em que algumas indagações pertinentes sobre a atualidade são expostas, além de uma apresentação sobre as atuais políticas públicas para a região. Por fim, a ênfase se dá nos caminhos a serem percorridos pelo Seridó no tocante a economia, as oportunidades e os desafios que estão postos nesse tempo. Conclui que o Seridó, antigo centro dinâmico do estado, carece de falta de planejamento em longo prazo unida à inexistência de ações efetivas que possam reverter a situação de uma região estagnada, mas com potenciais, aqui e acolá.

2 CARACTERIZAÇÃO INICIAL

O Seridó Potiguar está localizado no semiárido do Rio Grande do Norte e “é uma das regiões mais secas do estado e que apresenta certos contrastes paisagísticos, com importantes vales fluviais, como os dos rios Seridó e Piranhas-Açu, algumas das mais importantes serras do estado como as de João do Vale, da Coruja, das Queimadas, da Garganta, dos Quintos e São Bernardo” (RN/IDEMA, 2013, p. 13), com uma média pluviométrica de 550 mm/ano, no entanto, com uma característica de distribuição desigual de chuvas. Terras com solos de baixa fertilidade, sendo estes em grande parte pedregosos, possuem escassa profundidade e ao mesmo tempo é muito sensível ao processo de erosão. Todavia, seu ecossistema natural, o bioma caatinga, que é inigualável e exclusivo no mundo, tem ainda em sua paisagem tanques naturais, açudes, rios, trilhas, formações rochosas e belas serras, além dos sítios arqueológicos. Possui uma vegetação predominantemente baixa, com muitos cactos e arbustos espaçados, o que torna essa região bem particular no que tange aos seus aspectos físico-climáticos.

Nesse cenário literalmente quente forjado principalmente pela escassez das chuvas, o seridoense vive seus desafios constantes numa região de mudanças em busca de melhorias. O Seridó Potiguar é composto por 25 municípios: Acari, Bodó, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Florânia, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Jucurutu, Lagoa Nova, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Matos, Santana do Seridó, São Fernando, São João do Sabugi, São José do Seridó, São Vicente, Serra Negra do Norte, Tenente

Laurentino Cruz e Timbaúba dos Batistas, numa área de 10.796,615 Km², chegando a 20,44% do território potiguar. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, o número de habitantes totaliza 295.699, o que corresponde a 9,3% da população do estado do RN. Tendo em vista o processo de urbanização dos últimos anos, 76% dos seridoenses vivem na zona urbana, enquanto 24% se encontram na zona rural, todavia, nos municípios localizados na região homogênea das Serras Centrais, que possui clima mais ameno, quase a metade da população (46%) está na zona rural.

Em relação à economia, pode-se dizer que o Seridó Potiguar foi formado em três ciclos – a pecuária, particularmente bovina, a cotonicultura e a mineração – o que na atualidade não se coaduna mais com os tempos de outrora, salvo algumas atividades relacionadas à extração mineral e a pecuária leiteira, todavia, a contínua escassez de chuvas tem prejudicado consideravelmente esta última atividade. Outras atividades econômicas, como a indústria cerâmica e de confecções, surgiram ao longo das últimas décadas, e serão analisadas posteriormente.

3 REVISITANDO A HISTÓRIA: NOS RASTROS DOS NATIVOS E DO GADO

Para melhor conhecer a cultura de um povo, a economia de uma região ou a atual situação de uma localidade, se faz necessário conhecer a história desse povo ou localidade. Para esse breve estudo, algumas informações históricas a respeito do Seridó serão dispostas nesse capítulo, numa tentativa de situar essa região no contexto do estado norte-rio-grandense. Assim, Medeiros (1980, p. 15) no célebre livro que tem como título o mesmo nome da região ora estudada, afirma:

[...] o povoamento da região começou no fim do século XVII, quando da guerra dos bárbaros, luta que durou muitos anos e durante a qual, após crueldades inomináveis, o homem civilizado exterminou os selvagens que habitavam as margens do rio Açu e seus afluentes, um dos quais, como se sabe, é o rio Seridó.

Sobre esse lamentável episódio, que na historiografia aparece como Guerra dos Bárbaros ou Confederação Cariri, Filho (2011) e Macêdo (2012) explicam que os povos indígenas que combateram em terras seridoenses eram os tapuias, subdivididos em grupos, a saber: canindés, jenipapos, sucurus, cariris e pegas. Assim,

[...] vendo invadido seu território, os índios se levantaram, com a mais legítima determinação guerreira, contra os primeiros assentamentos de fazendas no interior da Capitania do Rio Grande, numa epopéia sertaneja que até hoje reclama atenção por parte dos historiadores. O gentio bárbaro, como a eles se referiam os documentos da época, resistiu por anos a fio até ser morto ou aldeado pelos homens brancos que tentavam se fixar nas ribeiras e aguadas dos sertões (MACÊDO, 2012, p. 35).

Nessa mesma linha de raciocínio, Araújo (2010, p. 39) destaca que esses confrontos culminaram na origem da acumulação primitiva das elites potiguares no Seridó:

[...] vale registrar que a referida atividade social (de ocupação do território interiorano, seridoense) e econômica (gado bovino) foi viabilizada colocando-se em prática uma implacável atividade de eliminação e escravização das populações nativas, sobretudo dos diversos grupos dos Tapuias (janduís, cariris, jenipapos, sucurus, canidés, etc.) que habitavam o interior desta capitania. Esse conflito ficou historicamente conhecido como 'Guerra dos Bárbaros'. Eram simples nativos defendendo seus territórios da ocupação europeia. Os 'bárbaros' foram exterminados e uma pequena parte escravizada pelos europeus. Essa foi a origem da acumulação primitiva das elites potiguares.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a conquista do sertão não foi pacífica, até porque “de primeiro, só quem fazia rastro de gente na caatinga do Seridó era pé de caboclo brabo (o mesmo que indígena). Terminada a guerra com os Holandeses (1654) a Capitania cuidou de reorganizar sua vida econômico-administrativa, desmantelada na luta de quase uma geração” (LAMARTINE, 1980, p. 159). Ao término da exterminação dos índios, os primeiros desbravadores civilizados, oriundos de Pernambuco e Paraíba, chegam ao Seridó (MEDEIROS, 1980). Vale destacar que os primeiros registros quanto às primeiras terras concedidas na região datam de 1676, mais especificamente no lugar chamado Acauã, que foi um dos lugares em que ocorreu um dos encontros mais sangrentos da Guerra dos Bárbaros, hoje no município de Acari. Porém, apenas em 31 de julho de 1788, com a criação do município chamado Vila Nova do Príncipe, atual Caicó, ocorreu a emancipação do Seridó.

Essas incursões ao interior do estado tinham motivações bem específicas que eram a criação de gado, ou melhor, as concessões de datas e sesmarias se justificavam sempre em função do gado, isto é, para onde vai o gado, onde acomodá-lo, etc. (MEDEIROS, 1980), haja vista que existiam regras na época, que proibiam a atividade pecuária em localidades muito próximas das terras cultivadas pela cana-de-açúcar, que, diga-se de passagem, ocupava boa parte da faixa litorânea e conseqüentemente induziu a criação de gado ao interior do estado para se reproduzir nas grandes propriedades (FELIPE, ROCHA e CARVALHO, 2011). Complementando essa informação, Felipe, Rocha e Rêgo (2010, p. 31) explicam:

[...] muitos pensam que a implantação dos currais, territorializando os espaços naturais em domínios do gado do litoral ao sertão do Rio Grande, foi fruto do conflito entre a agricultura canavieira e a criação dos rebanhos. Essa explicação, relativamente cara à historiografia regional, se ancora num forte grau de determinismo econômico. A criação e a expansão dos territórios curraleiros, vistas pelo ângulo de outras fontes e perspectivas históricas, nos permitem compreender que fundar fazendas agrícolas e de pecuária foi a determinação das autoridades coloniais e do colonizador desde os primeiros momentos da ocupação e dominação dos territórios nativos. Claro que, dado a natureza diferenciada entre as culturas agrícolas e as culturas de criação animal em espaços tão próximos, cedo ou tarde conflitos e tensões seriam gerados.

Desse modo, criadores advindos de outras regiões passaram a povoar o sertão seridoense. Por isso, “é de se crer que, pisado no rastro do homem, vinha o gado, para garantir a posse” (LAMARTINE, 1980, p. 53). Se a conquista foi tensa por causa dos inúmeros confrontos entre os brancos e os índios, após estes, “o ordenamento das populações sertanejas adveio parcimoniosamente” (MACÊDO, 2012, p. 80), semelhante ao que ocorreu na Capitania do Rio Grande, ou seja, o processo de povoamento foi significativamente moroso (ARAÚJO, 2010). Macêdo (2012, p. 77) ainda explica:

Praticamente inexistia a vida urbana nos sertões seridoenses no século XVIII, havendo somente dois parques lugarejos: o de Caicó (elevação à Povoação em 1735 e Vila em 1788) e o de Acari (Vila somente em 1835, desmembrada de Caicó). Caicó surgira do arraial da Casa Forte do Cuó, construída na época da Guerra dos Bárbaros. Nenhum traçado urbano ainda definido. Somente com a construção

da Matriz foi que a povoação tomou forma, edificando as casas de morada em seu entorno”.

No lugar dos ditos “caboclos brabos”, vieram as estacas e os currais com suas rezes que mudaram o panorama selvagem do Seridó, deixando marcas profundas que se tornariam mais tarde as raízes de um povo, de uma região.

Daí para diante, a estaqueada dos currais e o rastro-fêmea do boi explica o povoamento do Seridó [...] Logo a caatinga do Seridó foi sendo marcada pelo rastro do boi onde se situavam os currais já que um vaqueiro dava conta de uma fazenda. O domínio econômico do curral durou mais de cem anos (LAMARTINE, 1980, p. 160).

Ao analisar esses fatos, ficam mais claro algumas evidências relacionadas à economia seridoense, discutida mais adiante, que possuem laços tão fortes e estreitos com a pecuária, pois esta certamente foi o fator determinante da fundação das primeiras localidades seridoenses. Para ilustrar ainda mais essa questão, a própria toponímia de diversos municípios deixam registradas suas origens, como é o caso de “Currais Novos, nascida dos currais de aroeira em pau-a-pique, que o Capitão-mor Galvão fez construir para seus gados. Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Florânia, Jardim do Seridó, Jucurutu, Parelhas, São João do Sabugi e Serra Negra – foram antigas fazendas de gado, que cresceram na força do estrume do boi” (LAMARTINE, 1980, p. 163).

Posteriormente, outras atividades foram se desenvolvendo aos poucos, como a cotonicultura e a extração mineral, mas o próprio autor do “Sertões de Seridó” deixa bem claro que “a vocação histórica do sertanejo é o gado. Espremido em cercados retalhados a cada herança, pendeu para uma pecuária semi-extensiva, ‘fazendo raça’ com as cruzas euro-zebuínas e passando a viver dos peitos das vacas” (LAMARTINE, 1980, p. 55). Seguindo esse mesmo ponto de vista, o célebre Câmara Cascudo em suas andanças pelo sertão potiguar, afirmou: “Tivemos, pois, como fundamento da família sertaneja, o homem pastoril, afeito às batalhas do campo, às necessidades das descobertas de novas pastagens” (CASCUDO, 2009, p. 47). Mais tarde vai afirmar Clementino (1990, p. 74) que “o gado seria, assim, a matriz do sistema urbano potiguar e seus velhos caminhos as raízes das grandes regiões do estado: Litoral, Seridó e Oeste”.

4 DINÂMICA ECONÔMICA: IDAS E VINDAS EM TERRAS SERIDOENSES

A dinâmica aqui utilizada não se refere ao volume ou quantidade de produção ou negociações que movimentaram a economia seridoense, fato que ocorreu em alguns momentos de sua história, mas dinâmica enquanto mudanças de conjunturas e situações que proporcionaram novas características para essa região, ou seja, a dinâmica econômica difere e ao mesmo tempo se confunde com dinamismo econômico.

Corroborando o que já foi dito por autores que analisaram aspectos históricos da região seridoense potiguar, Araújo (2000) enfatiza a respeito da economia do Seridó, que a **pecuária** foi pioneira como primeira grande atividade econômica da região. Esta atividade permitiu que o Seridó se tornasse uma das retaguardas do povoamento das Capitanias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, particularmente no momento inicial da ocupação econômica e demográfica do Nordeste. Além de pioneira, foi desde o século XVIII (meados do ano de 1775), o lugar em que mais fazendas se concentravam (70 no total). Nesse contexto, os currais de gados reinavam quase absolutos e era uma realidade inconteste (FELIPE, ROCHA e RÊGO, 2011). Daí Lamartine (1980, p. 160) fazer o seguinte comentário sobre essa atividade econômica que muito contribuiu para a formação da região: “Daí para diante, a estaqueada dos currais e o rastro-fêmea do boi explica o povoamento do Seridó. Logo a caatinga do Seridó foi sendo marcada pelo rastro do boi onde se situavam os currais já que um vaqueiro dava conta de uma fazenda. O domínio econômico do curral durou mais de cem anos”. Santos (2010, p. 100), assim como os demais, diz que “o povoamento da região do Seridó, também, efetivou-se em decorrência da necessidade econômica de encontrar terras propícias à criação de gado. Vencida e eliminada a indiada, chagavam à região seridoense os seus primeiros sesmeiros, oriundos de Pernambuco e Paraíba”.

Ao passo que essa atividade econômica se espalhava pelo sertão seridoense, os espaços vazios iam sendo ocupados e tornando a pecuária bovina decisiva na formação desse território. Nesse sentido, a atividade econômica do estado, até então dominada pela produção açucareira, se encontra no interior, numa nova dinâmica, pois “tal economia teve a capacidade de dotar todo o interior de certa funcionalidade econômico-social, sem a qual seria o interior da capitania de um

grande deserto” (ARAÚJO, 2010, p. 44). Por isso, o mesmo autor enaltece a importância dessa atividade: “Assim, por um lado, pode-se afirmar que a costura do território potiguar se, em primeira instância, tem na economia açucareira sua gênese, pois a ocupação, como sabido, começou no litoral ao interior, por outro lado, tem nos currais sua mais forte dinâmica” (ARAÚJO, 2010, p. 44), o que torna evidente que, para o Seridó, a criação de gado foi o fator econômico preponderante como atividade de primeira grandeza em sua economia (SANTOS, 2010).

Ainda nesse assunto, Clementino (1990) explica que a atividade pecuarista bovina, por meio das fazendas, além de proporcionar a criação de vários municípios, possibilitou a criação de outras culturas agrícolas, como a produção de alimentos (para subsistência) e de algodão (para o mercado). Além do mais, essa atividade se tornou uma ponte para a integração entre as capitanias através dos dois “caminhos do gado”, dentre eles o que advinha do interior da Paraíba que viabilizava o transporte do gado daquela capitania como das capitanias do Piauí, Ceará e do Rio Grande, especialmente das ribeiras do Seridó e do Apodi (CLEMENTINO, 1990).

Mais tarde, outra atividade econômica e não menos importante para o Seridó foi a **cotonicultura**, que “se consorciou com as lavouras alimentares, nas terras mais férteis (ARAÚJO, 2000, p. 6). Segundo Araújo (2010, p. 47), “no sertão do Seridó potiguar o gado e o algodão formavam um consórcio particularmente forte. Quando as secas criavam empecilhos à acumulação mercantil com o gado, tais empecilhos eram parcialmente superados por maior inversão na atividade algodoeira”. Clementino (1986, p. 26) em interessante trabalho sobre o maquinista de algodão afirma que

[...] no Rio Grande do Norte, o algodão era tradicionalmente produzido e descaroçado no interior das grandes fazendas sertanejas. O caroço servia para o gado comer e a pluma era vendida às firmas exportadoras que, após a reprensagem e enfardamento, colocavam a mercadoria nas praças consumidoras do Centro-Sul do Brasil e do exterior, ou melhor, onde se localizasse a indústria têxtil, consumidora dessa matéria-prima.

Desse modo, o algodão, produto nativo da América, utilizado pelos indígenas antes mesmo do descobrimento, tornou-se “ouro branco” especialmente a partir da demanda da indústria têxtil dos ingleses em expansão (FELIPE, ROCHA e

CARVALHO, 2011). De acordo com Medeiros (1980, p. 27), “estava escrito que o algodão seria, com o decorrer dos tempos, a dominante econômica do Seridó”. Entretanto, naquela região não se produzia um tipo “comum” de algodão, mas o algodão mocó, que até então, era o mais adequado para a indústria têxtil devido suas características, como explicitado por Lamartine (1980, p. 54):

Daqueles mundos brotou o algodão branco-cremoso, fibra de 36/38 mm e arbóreo – que ainda ontem era bem de raiz nas heranças sertanejas. De semente nua, escura, que é ver o estrume do mocó, donde, talvez, seu apelido – bem pode se alastrar por imensas áreas de ecologia favorável no Polígono, de vez que, ao contrário dos competidores, não reclama solo irrigado para produzir. E a indústria – dizem os economistas – tem fome de fibras longas. Se assim é, carecemos de que as estações experimentais não sejam capadas em suas verbas, para que possam oferecer sementes selecionadas ao fomento e à engatinhante extensão agrícola; e a esperança de que estas induzam o matuto a cultivá-lo segundo as recomendações técnicas.

Nesse período que vai desde o final do século XVIII (na primeira fase iniciada pelo colonizador branco) até a década de 1970, quando essa atividade econômica sofre grandes crises, dentre elas a eliminação do maquinista do algodão conforme estudo de Clementino (1987). Com a cultura algodoeira, pode-se perceber como as terras seridoenses puderam “dinamizar” sua economia, ao passo que o algodão mocó era um algodão perene, com ciclos de até 7 anos, possibilitando o sertanejo não precisar arar a terra todos os anos. Além do mais, a baixa produtividade do primeiro ano era compensada pelo consórcio com milho e feijão (FELIPE, ROCHA e RÊGO, 2010). Posteriormente, após a colheita que se iniciava a partir de setembro, geralmente nos períodos de mais estiagem, o gado se fartava com as folhas ainda verdes desse “ouro branco” antes da poda. Dessa forma, o algodão mocó foi responsável por grande parcela da economia do Seridó por meio das beneficiadoras que produziam pluma, óleo e torta, gerando emprego e renda para diversos seridoenses.

De acordo com Clementino (1986, p. 32), “desde o século XIX até os anos 20 desse século (ou bem mais que isso a nosso entender) o algodão mocó produzido na região sertaneja do Seridó tinha mercado interno e externo garantido a preços compensadores”. Macêdo (2012) e Trindade (2015) comentam que o

desenvolvimento da cotonicultura potiguar foi responsável até mesmo pela mudança do eixo político no estado, especialmente quando da ascensão política do seridoense José Augusto Bezerra de Medeiros que era filho de um produtor de algodão e governador do estado na década de 1920. Clementino (1990) também demonstra a importância que a cultura algodoeira teve para a região do Seridó fazendo referência a expressiva produção do algodão.

A partir da década de 1970, a “crise” têxtil-algodoeira que advém da modernização tecnológica desse segmento, principalmente pelo uso das fibras sintéticas em detrimento da fibra de algodão, bem como pela penetração do capital têxtil no Nordeste, o que descaracterizou ainda mais a produção do algodão mocó, viabilizando sensivelmente a atividade pecuária, foram questões preponderantes para o declínio dessa atividade. Destaca-se, ainda, que a resistência à mudança é um aspecto que precisa ser levado em consideração. De acordo com Araújo (1997), essa característica é um fator importante no ambiente socioeconômico. A autora inclui o sertão semiárido como uma das áreas que mais apresenta tal característica:

No caso do semi-árido, a crise do algodão (com a presença do bicudo e as alterações na demanda, no padrão tecnológico e empresarial da indústria têxtil modernizada na região e, mais recentemente, as políticas associadas ao Plano Real) contribuiu para tornar ainda mais difícil e frágil a sobrevivência do imenso contingente populacional que habita os espaços dominados pelo complexo pecuária-agricultura de sequeiro. No arranjo organizacional local, o algodão era a principal (embora reduzida) fonte de renda dos pequenos produtores e trabalhadores rurais desses espaços nordestinos. Na ausência do produto, esses pequenos produtores são obrigados a levar ao mercado o reduzido excedente da agricultura alimentar tradicional de sequeiro (milho, feijão e mandioca), uma vez que a pecuária sempre foi atividade privativa dos grandes proprietários locais. (ARAÚJO, 1997, p. 17)

Para completar o tripé básico da estrutura do espaço econômico do Seridó, utilizando o termo de Araújo (2000), a **mineração** a partir da década de 1940 se tornou uma rica e fecunda fonte de expansão econômica da região. Se as terras seridoenses já eram conhecidas nacionalmente e no além-mar devido a produção do algodão mocó, a exploração mineral de tantalita, do berilo, da cassiterita, do tungstênio e principalmente da scheelita possibilitou que o Seridó se tornasse ainda mais conhecido no cenário econômico do estado e do país, pois a partir dessa

atividade econômica, o estado se torna o maior produtor brasileiro desse minério. Entretanto, houve motivações para tal empreendimento, e a principal delas foi a indústria bélica na Segunda Guerra Mundial, tendo em vista que esse minério era considerado um importante componente na fabricação de armamentos, na composição de aços especiais, empregado em ferramentas de precisão, e em instrumentos cirúrgicos, sendo localizado em Caicó, Serra Negra, Jardim do Seridó, Parelhas e Currais Novos (MEDEIROS, 1980).

Clementino (1990) explica que na época da 2ª Guerra Mundial, o Rio Grande do Norte se beneficiou de duas novas atividades de exportação, a cultura do sisal e a exploração de scheelita, pois os países envolvidos na guerra demandaram essas matérias-primas e orientaram a exploração das jazidas existentes. No Seridó, ainda por volta de 1928, foram identificados indícios de tungstênio, mas especificamente nos municípios de Acari e Parelhas. A partir de 1940 teve início as primeiras pesquisas em busca de minério, sendo localizada um ano depois a primeira jazida. Logo em seguida a exploração por meio da garimpagem foi inicializada no Seridó, atraindo também capitais locais e empresas estrangeiras, especialmente no município de Currais Novos.

Sobre essa “novidade” que sobreveio sobre o sertão seridoense, Lamartine (1980, p. 55) faz questão de registrar: “Na última guerra os gringos vieram cascavilhar os chãos para mostrar ao sertanejo os seixos de que carecia a indústria bélica. Nascia o garimpeiro, em plena caatinga, e alguns saíram das catagens a céu-aberto e se enlocaram de chão adentro no faro das veias de minérios. E em pouco se exportavam a scheelita, a tantalita e o berilo”. Para este autor, o sertanejo acostumado com o manejo do gado e da agricultura, agora se vê em novas funções: “criou-se, então, uma nova forma de trabalho, embora sem tradição, constituída pelo mesmo sertanejo que a frustração da safra fez largar a enxada pela bateia, mingando o ciganismo das procissões flageladas” (LAMARTINE, 1980, p. 178).

Segundo Clementino (1990), as minas existentes no Seridó foram responsáveis por mais de 90% da produção brasileira de concentrado de tungstênio, especialmente as minas Barra Verde, explorada pela mineração Termoliga e Metalurgia S/A; e Boca de Laje, explorada pela empresa Tungstênio do Brasil Minérios e Metais S/A. Para a autora, essas minas e garimpos “funcionam como

estratégia de sobrevivência para os trabalhadores expulsos pela modernização da produção agropecuária do Seridó a partir dos anos 70; e, como amortecedor, nos longos períodos de estiagens da crítica situação da população flagelada, freando inclusive o processo migratório” (CLEMENTINO, 1990, p. 122).

Vale salientar que a extração mineral não se restringiu a scheelita, mas também a tantalita, utilizada na fabricação de aços especiais, minério muito raro e existente em abundantes jazidas, notadamente nos municípios de Jardim do Seridó, Parelhas, Acari e Currais Novos; o berilo, usado na liga de cobre, encontrando-se especialmente em Jardim do Seridó, Parelhas, Acari e Currais Novos; e a cassiterita, minério de estanho. Também foi encontrado mica, argila, barita, enxofre, cristal, granito, mármore, quartzitos e caulim. Para Medeiros (1980), essa fase seridoense certamente apresentaria novos horizontes à região, que duraria algumas décadas, mas precisamente até os anos 1980 quando teve início o declínio dessa atividade econômica em consequência da oscilação dos preços internacionais e da utilização de outros minérios na fabricação de artefatos industriais e tecnológicos (FELIPE, ROCHA e RÊGO, 2010).

De acordo com Felipe, Rocha e Rêgo (2010), ainda no início de 1943, ou seja, pouco tempo depois do início da exploração mineral no Seridó, a produção de scheelita cresceu rapidamente chegando a ser conhecida cerca de 60 minas e garimpos (pequenas minas rudimentares) distribuídos entre os estados do Rio Grande do Norte e Paraíba. O auge dessa produção foi no início da década de 1970 com a produção de concentrado de scheelita em larga escala, representando o ápice da mineração da scheelita no Estado. No caso da Mineração Tomaz Salustino localizada no município de Currais Novos, seu apogeu ocorreu em plena Segunda Guerra Mundial, fornecendo toneladas de minérios às indústrias de aço. Depois do declínio dessa atividade econômica na década de 1980, as minerações de scheelita de Currais Novos e região estão voltando às suas atividades, que se encontravam paralisadas, parcialmente, desde 1997, mas ainda sem rastros efetivos do que fora no passado.

Após breve apresentação sobre o tripé básico da estrutura do espaço econômico do Seridó (ARAÚJO, 2000) – **pecuária, cotonicultura e mineração** – que atualmente possui poucos vestígios do passado, e considerando as últimas estiagens que já duram 4 anos, pode-se dizer que essa região está fadada ao

fracasso? Haverá possibilidade de uma nova dinâmica para a economia da região? Mas, afinal, quais as potencialidades do Seridó que ainda podem e devem ser exploradas? O que tem sido feito pelas autoridades políticas? Esses e outros questionamentos surgem constantemente nos que vivem naqueles municípios e dependem de uma economia mais equilibrada para o surgimento de dias melhores. Praticamente todos os municípios seridoenses, com exceção de Caicó, obtiveram em 2010 um IDH abaixo da média do RN que é de 0,684, que já é considerado baixo em relação a média brasileira de 0,727. O Seridó potiguar, antigo centro dinâmico do estado, se apresenta atualmente como uma região estagnada ou como uma mancha dinâmica (ARAÚJO, 1997), especialmente a partir da década de 70 com a decadência da produção algodoeira e posteriormente da mineração, pois já nos anos 80, a crise da economia algodoeira, que afetou também a rentabilidade da pecuária, coincidiu com a da economia mineradora. Ruíram, a um só tempo, os pilares da economia regional. A partir daí, as atividades tradicionais, as que produziram riqueza e poder na região, apresentam pouco dinamismo.

O atual cenário do Seridó Potiguar reflete um pouco daquilo que são as sínteses das heranças históricas potiguares em todo o estado, ou seja, a presença da desigualdade de renda e do IDH, baixa escolaridade (anos de estudo), herança de concentração urbana, desigualdade na rede de cidades e concentração nos pólos Currais Novos e Caicó, malha rodoviária herdada e sem novas configurações, além de um lento ou inexistente crescimento, a pobreza continua a ser uma de suas características mais marcantes, elevados índices de exclusão social nas cidades e no campo, índice de indigência ainda elevado, padrão de desenvolvimento econômico insustentável pelos problemas de natureza econômica, social e cultural.

Em contrapartida, na percepção otimista de Araújo (2000), essa região não está desalentada nem imersa em sua própria crise econômica, mas se encontra em franco processo de reestruturação. Seria então o Seridó Potiguar, uma região viável? Essa é uma questão discutida no próximo passo desse artigo.

5 CAMINHO(S) A SER(EM) PERCORRIDO(S)

Em meados da década de 1950, mas precisamente em 1954, Medeiros (1980, p. 58) ao falar sobre a recente, naquela época, atividade econômica seridoense – a mineração – dizia que aquele momento era “uma face nova da economia seridoense que agora começa a ser desvendada e que certamente rasgará novos horizontes à região”. Mais tarde, Felipe, Rocha e Rêgo (2010, p. 261) enfatizaram que “a região do Seridó foi a mais afetada com o declínio da economia algodoeira, e também a que se fez notar pela ausência das políticas e programas da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE”. E em 2017, qual o diagnóstico da economia seridoense e os possíveis rumos a serem trilhados?

Como enxergar potencialidades em meio a uma das maiores crises hídricas do sertão potiguar que exauriu praticamente todos os reservatórios d’água? Num cenário em que a Barragem Marechal Dutra (Açude Gargalheiras) localizada na cidade de Acari, que desde sua inauguração ocorrida em 1959, não tinha chegado a situação tão crítica; o Açude Itans em Caicó com um volume de água muito baixo; o Açude Dourado em Currais Novos que durante quase dois anos se podia atravessá-lo a pé enxuto; a situação calamitosa de Carnaúba dos Dantas que tem os carros pipas como integrantes contínuos de suas ruas e estradas; dentre tantos outros municípios, que a espera das adutoras, passaram a conviver não só com o desabastecimento, mas com todo um desgaste socioeconômico na região que se viu refém de chafarizes nas ruas, rodízios de abastecimento cada vez mais espaçados, o preço da água subindo, a intensificação de perfuração dos poços artesianos na zona urbana e rural. Além da dizimação do gado, das dificuldades nas irrigações da fruticultura na Serra de Santana e nos demais municípios do Seridó, da diminuição das atividades da construção civil e do verdadeiro desalento de um povo que espera ações efetivas de um Estado moroso e deficitário. Mesmo assim, não há do que reclamar da seca, pois essa é característica natural dessa região. Furtado (1990) orientava dizendo que a prioridade a ser dada é na transformação, particularmente da economia do semiárido para torná-la mais resistente ao impacto das secas. Por isso, se o Seridó Potiguar ainda não consegue lidar habilmente com as estiagens, tarefa nada fácil e que envolve diversos fatores, percebe-se uma luta constante para uma retomada de sua economia, mesmo diante das inúmeras dificuldades e desafios.

De acordo com Araújo (2000), a economia seridoense tem fortalecido sua agroindústria (sobretudo com derivados de produtos de origem animal) – em bases artesanais e modernas –, ao mesmo tempo em que se expande a indústria em geral e se mantém o ritmo do comércio e dos serviços. A iniciativa local vem promovendo o desenvolvimento de pequenas e médias unidades manufatureiras, como padarias, indústrias de processamento de mandioca, couro, café, tintas, leite, entre outras.

Nos últimos anos, a atividade mineral teve uma significativa melhora quando comparada com os anos após a decadência dessa atividade na região. Em 2011, as exportações de minério, notadamente o granito (28,7%), scheelita (365,2%) e ferro, que desde o ano de 2008 não era mais exportado. Novos investimentos foram recebidos no RN, principalmente de capital estrangeiro, que reativaram o setor de extração mineral na região do Seridó. Esses produtos minerais responderam por US\$ 14,4 milhões em exportações no ano de 2011: um significativo crescimento de 110,6% em relação ao ano de 2010 (US\$ 6,8 milhões). (RN/IDEMA, 2013). Ainda no setor mineral, algumas iniciativas tem ocorrido na região, como é o caso da fábrica de cimentos da SUSA Industrial em Currais Novos.

Também merece destaque a indústria cerâmica e a de confecções. Nesta última, a bonelaria merece referência especial, pois se encontram distribuídas mais de 50 bonelarias em vários municípios que se consolidaram e conquistaram mercados dentro e fora do estado. O artesanato, especialmente os bordados e rendas, é uma atividade interessante na região. Os bordados de Caicó, na maior parte fabricada em Timbaúba dos Batistas, são conhecidos dentro e fora do estado, podendo ser encontrado em diversas lojas espalhadas no país.

Em diagnóstico recente sobre a industrialização do Rio Grande do Norte, denominando esta de uma indústria de resistência, Felipe, Rocha e Rêgo (2010, p. 261) dedicam um capítulo de sua publicação sobre a reação do Seridó, afirmando que “a reação a essa longa crise, vem através da criatividade e capacidade empreendedora dos seridoenses, quer seja na instalação de dois polos cerâmicos – Parelhas e Cruzeta, mas principalmente por meio das pequenas fábricas que passam a produzir rede, bordados, bonés, panos de pratos e confecções”.

O comércio atacadista e principalmente varejista se relaciona à distribuição de alimentos, de remédios, de autopeças, de veículos, de materiais de construção, de

serviços em geral. O comércio, mesmo sendo atualmente uma das atividades mais “dinâmicas” da região, depende muito dos períodos festivos (sazonalidade), ou seja, das festas religiosas, dentre outros eventos ocorridos ao longo do ano, como o Carnaval e a Festa de Santana em Caicó, a encenação da Paixão de Cristo no Monte do Galo em Carnaúba dos Dantas. Vale destacar o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte (SEBRAE/RN) e das Câmaras de Dirigentes Lojistas (CDL) ao comércio local.

Há um turismo ligado às festas religiosas e nos últimos anos uma tentativa de incentivar o ecoturismo, devido às suas belas paisagens serranas, vales fluviais, e com destaque para os sítios arqueológicos com suas inscrições rupestres, que apresentam vestígios da ocupação do homem pré-histórico e suas marcas deixadas em cavernas e grutas. Mais visitados são os Sítios Mirador, em Parelhas, Pedra do Alexandre, Talhado do Gavião, Casa Santa e Xiquexique I e II em Carnaúba dos Dantas, haja vista que esses últimos possuem estrutura para receber visitantes. Entre os atrativos naturais das serra e dos relevos acidentados e formações rochosas, destacam-se o Bico das Araras e Serra da Formiga em Acari, que emolduram o Açude de Gargalheiras, a Gruta da Caridade e Serra de São Bernardo em Caicó, Vale Vulcânico em Cerro Corá e Lagoa Nova, Serra do Chapéu, Pico do Totoró, Cânion dos Apertados, Serra da Mina Brejuí, Pedra do Sino e do Navio em Currais Novos, Serra dos Quintos e Pedra da Boca em Parelhas, além de outros atrativos como os castelos (Castelo de Engady em Caicó e Castelo de Bivar em Carnaúba dos Dantas) e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e o Museu do Sertanejo, ambos tombados pelo Patrimônio Histórico, na cidade de Acari (RN/IDEMA, 2013).

Também se encontram empresas destinadas a prestar consultoria em negócios, profissionais autônomos que utilizam novas tecnologias, especialmente quando advindos das instituições de ensino na região, notadamente a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Campus Caicó e Currais Novos e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN) – Campus Caicó, Currais Novos e Parelhas.

Um ponto a ser destacado e que tem sido valorizado no Seridó é a fama da qualidade de seus produtos, surgindo inclusive a “marca Seridó”, como por exemplo, a carne de sol, o queijo de coalho, os derivados lácteos, etc. A valorização da marca

unida às iniciativas de pessoas criativas que trilham um caminho árduo, mas que estão dispostas a não se abaterem pelas adversidades existentes, caracteriza ainda mais essa resistência do seridoense.

Considerada uma das principais bacias leiteiras do Estado, que através do “Programa do Leite” se consolidou na região, tem-se também a expansão da caprinovinocultura. Além do mais, a fruticultura, especialmente a cajucultura, possui destaque no Seridó, mesmo diante dos grandes desafios relacionados ao desmatamento, como demonstra estudo recente desenvolvido pela Agência de Desenvolvimento Sustentável do Seridó – ADESE (2012) nas Serras de Santana e do João do Vale, e da crise hídrica atual. Essas frutas quando não são vendidas para fora do estado, geralmente são beneficiadas no próprio estado por indústrias de polpas de frutas.

Em 2013, o Governo do Estado do RN juntamente com o Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte publicou um documento intitulado “Perfil do Rio Grande do Norte”. Neste, encontram-se informações importantes sobre todas as regiões do estado potiguar, dentre elas o Seridó, que tem como segmentos dinâmicos da economia regional: a) Turismo (ecoturismo, serrano rural, negócios, eventos, caverna), b) Agropecuária (pecuária leiteira e de corte, piscicultura, mandioca, cajucultura, caprinocultura, culturas de vazante); c) Indústria (confecções, cerâmica, laticínios, sapatos, indústria artesanal, pedra, couro, madeira), d) Mineral (feldspato, caulim, ferro, tungstênio), e) Comercial (atacadista, varejista, supermercados).

Dessa forma, como “dinamizar” esses segmentos da economia seridoense se torna o principal desafio da atualidade. Nesse sentido, a seguir serão apresentadas as atuais políticas de desenvolvimento do Estado, dando ênfase ao Seridó Potiguar.

6 POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO RN: TENDÊNCIAS RECENTES

Os atuais programas de políticas de desenvolvimento sustentável do RN são o *RN Sustentável* e o *Programa Mais RN*. O primeiro é promovido pelo Governo do Estado e financiado pelo Banco Mundial, buscando fortalecer as alianças produtivas

das diversas regiões do estado, enquanto o *Programa Mais RN* foi desenvolvido pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte – FIERN.

Ambos tem o foco para as “janelas de oportunidades”, ou melhor, para as tendências recentes na economia regional, todavia, no RN Sustentável, o objetivo geral é apoiar o Governo do Estado nas ações estratégicas voltadas ao desenvolvimento integrado – econômico, social e humano – assim como nas ações voltadas para a modernização da gestão do Estado. Além do mais, sua proposta de projeto é de interiorização, partindo da premissa de um desenvolvimento econômico endógeno, tendo como público prioritário a agricultura familiar. Desse modo, pode-se afirmar que o RN Sustentável é o único e principal projeto do Governo do RN em relação ao planejamento global de desenvolvimento do estado.

No tocante a esses apoios as “potencialidades” locais em prol de um desenvolvimento sustentável, Brandão (2007) adverte para certa concepção “ingênua” a respeito dessa endogenia exagerada das localidades, haja vista que as abordagens que tratam de *clusters* ou arranjos produtivos locais, incubadoras, sistemas de inovação, economia solidária, empreendedorismo e voluntariado, acabam banalizando tais conceitos e tornando difuso e incompreensível os diversos aspectos exógenos que influenciam e determinam também a realidade local e regional.

No Programa RN Sustentável (2013-2018), um dos objetivos principais é a recuperação do antigo centro dinâmico da região do Seridó, juntamente com o desenvolvimento do cinturão central caracterizado por um verdadeiro vazio de desenvolvimento, e o desenvolvimento do Oeste Potiguar, caracterizada por um abandono em relação à oferta de serviços públicos e penetração muito restrita da atividade econômica formal. Nesse programa, são utilizadas as delimitações dos territórios rurais do RN, concebidas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Na região do antigo centro dinâmico, o diagnóstico do RN Sustentável apresenta a agricultura (batata-doce, laranja, caju, sementes e mudas certificadas), a bovinocultura, a suinocultura, a avicultura, a piscicultura, a extração de minérios metálicos, a produção de derivados lácteos, a fabricação de produtos têxteis, confecções de artigo do vestuário e acessórios, como potencialidades dessa região.

No Programa Mais RN, proposta de desenvolvimento econômico da FIERN para o período de 2016 a 2035, percebe-se uma abrangência maior que o Programa

RN Sustentável, pois são priorizados 10 subsetores produtivos em todo o estado, que são a energia elétrica, mineração, portos, parques tecnológicos, serviços avançados, turismo, fruticultura, pecuária, pesca e aquicultura. Essas prioridades foram elencadas após análise retrospectiva de indicadores ou diagnóstico sobre o empreendedorismo potiguar, a qualidade da infraestrutura disponível, a capacitação do capital humano, a qualidade das instituições do Estado e o ambiente competitivo (FIERN, 2015).

No Seridó, o programa prevê algumas iniciativas nesse período, como no setor de energia com a construção do Gasoduto Assú e a ampliação da área destinada à energia eólica na região das Serras Centrais e o fortalecimento da cadeia pecuarista, desde que esta seja melhor abastecida e potencializado os seus recursos hídricos, haja vista que “o abastecimento de água regular vai melhorar a hidratação do rebanho ao longo do ano, que sofre bastante com a seca. Também é possível alcançar ganhos de competitividade com uma melhor alimentação do animal decorrente da vegetação natural (FIERN, 2015, p. 138).

Em relação à atividade industrial nessa região, as perspectivas são apenas a reanimação da mineração e a consolidação do projeto Pró-Sertão (Programa de Interiorização da Indústria Têxtil), que foi lançado em parceria pela FIERN, SEBRAE e Governo do Estado em 2013, com o intuito de gerar 20 mil empregos diretos no interior do Estado por meio da estimulação de 360 pequenas unidades industriais para a produção de confecções até 2018 (FIERN, 2017).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meados da década de 1950, justamente nos tempos áureos da extração mineral no Seridó, Medeiros (1980, p. 58) visualizava com otimismo o futuro com base na história do povo seridoense, dizendo: “são estes os elementos de vida do Seridó, cuja população está sempre pronta a realizar todas as iniciativas do progresso que no seu seio despontam, e vive com o relativo conforto que as condições econômicas e sociais tornam possível”. Fica a curiosidade de como seriam as previsões feitas no início do século XXI pelo ilustre seridoense nascido em Caicó, depois de analisar a dinâmica econômica do Seridó após a estagnação ou desaparecimento do tripé básico de sua economia – gado, algodão e minério.

Ao longo deste trabalho buscou-se apresentar de forma sucinta a dinâmica econômica do Seridó Potiguar no período que vai desde a ocupação e povoamento desse território até os dias atuais, observando também as oportunidades ou potencialidades, bem como os desafios enfrentados por essa região. Destacaram-se as mudanças na economia que ocorreram paulatinamente, criando possibilidades de desenvolvimento e não raramente, quando tais atividades econômicas desfaleciam, dificuldades consideráveis para uma população que delas dependiam. No mais, percebe-se que alguns planejamentos de médio e longo são realizados, inclusive com participação direta do Poder Público e/ou em parceria com a esfera privada, todavia, há uma carência considerável na efetivação desse planejamento.

Finalmente, o estudo conclui que o Seridó, antigo centro dinâmico do estado, carece por falta de planejamento em longo prazo unido à inexistência de ações efetivas que possam reverter a situação de uma região estagnada, mas com potenciais, aqui e acolá.

REFERÊNCIAS

ADESE. **Diagnóstico da Fruticultura nas Serras de Santana e João do Vale**. Caicó, 2012.

ARAÚJO, Denílson da Silva. **Dinâmica econômica, urbanização e metropolização no Rio Grande do Norte (1940-2006)**. Recife: Massangana, 2010.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Herança de diferenciação e futuro de fragmentação. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 29, p. 7-36, 1997.

_____. Seridó, uma região viável. **Revista Caicó em foco**, Caicó, ano I, n. 1, p. 6-7, jul. 2000.

BRANDÃO, Carlos. **Território e desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas, Editora UNICAMP, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4. ed. São Paulo: Global, 2009.

CLEMENTINO, Maria do Livramento M. **O maquinista de algodão e o capital comercial**. Natal: EDUFERN, 1986.

_____. **Complexidade de uma urbanização periférica**. 1990. 307f. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP, 1990.

_____. Rio Grande do Norte: novas dinâmicas, mesmas cidades. In: GONÇALVES, Flora; BRANDÃO, Carlos A.; GALVÃO, Antônio C. (Org.). **Regiões e cidades, cidades e regiões**. São Paulo: UNESP, 2003. P. 387-404.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

FELIPE, José Lacerda Alves; ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto; RÊGO, Giovanni Sérgio. **História da industrialização do Rio Grande do Norte**: uma indústria de resistência. Natal: FIERN, 2010.

FELIPE, José Lacerda Alves; ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto; CARVALHO, Edilson Alves de. **Economia Rio Grande do Norte**: estudo geo-histórico e econômico. 3. ed. João Pessoa: Grafset, 2011.

FIERN. **Mais RN**: Planejamento Estratégico de Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Norte: 2016-2035. Natal, 2015. Documento.

_____. **Pró-Sertão garante empreendimentos ao interior do RN**. Disponível em: <<http://www.fiern.org.br/index.php/noticias/industria/265-pro-sertao-garante-empresendimentos-ao-interior-do-rn>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

FILHO, Olavo de Medeiros. **Índios do Açú e Seridó**. Natal: Sebo Vermelho, 2011.
FURTADO, Celso. **O Nordeste**: reflexões sobre uma política alternativa de desenvolvimento. In: CELSO, Furtado (et. al.). O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste. Rio de Janeiro: Contraponto/BNB/Centro Internacional Celso Furtado, 2009.

GOMES, José Bezerra Gomes. **Os Brutos**. 3. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2007.
GOVERNO DO RN. **Projeto RN Sustentável**: Relatório de identificação e mapeamento das aglomerações produtivas do Estado do Rio Grande do Norte. Natal, 2013. Documento.

GOVERNO DO RN/IDEMA. **Perfil do Rio Grande do Norte**. Natal, 2013. Documento.

LAMARTINE, Oswaldo. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

MACÊDO, Muirakytan K. de. **A penúltima versão do Seridó**: uma história do regionalismo seridoense. Natal: EDUFRN, 2012.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra. **Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

MDA. **Ministério do Desenvolvimento Agrário**. Brasília: 2017. Mapas. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução Econômica do Rio Grande do Norte (século XVI ao XXI)**. 3. ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2010.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2015.